

As representações do masculino nas páginas pornográficas do site Hotboys

Danielle Ramos Brasiliense¹ e Victor Antonio Araújo²

Resumo

Este trabalho busca entender como são construídas as representações do gênero masculino no site pornográfico Hotboys. A partir de uma perspectiva de análise do discurso com base foucaultiana buscaremos demonstrar como determinadas estratégias enunciativas utilizadas na produção das publicações em Hotboys contribuem para um processo de afirmação da performance masculina. Mais especificamente, o artigo investiga a construção e reprodução de estereótipos historicamente construídos sobre o papel do masculino a partir de uma matriz cultural heteronormativa que marca diferenciações entre o homem ativo e o passivo. Nos interessa compreender como um site, que tem como alvo o público gay, produz discursos de virilidade, através do qual valorizam atributos corporais e comportamentais que reiteram o modelo cultural de masculinidade hegemônica. E, ainda, reforçam padrões normativos sobre o masculino colocando o homem afeminado num plano inferior e submisso. Isso acontece porque a heteronormatividade rege o afeto e o sexo, independentemente da orientação sexual. É como se essa norma fosse um guarda-chuva e nós estivéssemos abrigados debaixo dele. É algo mais amplo e mais definidor, uma regra, portanto, vertical que iremos questionar.

Palavras-chave

Hotboys; Masculinidade; Mídia; Performatividade.

¹ Professora Doutora do curso de Comunicação Social e do Programa de Pós Graduação em Cultura e Territorialidades na Universidade Federal Fluminense. E-mail: dabrasiliense@gmail.com.

² Mestrando do curso de Pós Graduação Cultura e Territorialidades na Universidade Federal Fluminense. E-mail: toniii.araujo@gmail.com.

Representations of masculinities on the porn pages of the Hotboys website

Danielle Ramos Brasiliense¹ e Victor Antonio Araújo²

Abstract

This essay searches to understand how the masculine gender representations are built in the pornographic site Hotboys. From a foucautian discourse analysis perspective we will search to demonstrate how some enunciative strategies used in the production of the publications in the site Hotboys contribute to a process of the male performance affirmation. More specifically, this article investigates the building and the reproduction of the historically constructed male performance concerning the role of the masculine from a heteronormative culture matrix which points the differences between the active and the passive man. We are interested in understanding how a site, which has as the main target the gay public, produces discourses of virility, through which physical and behavior attributes are valued and which also reaffirms the hegemonic masculinity culture standard. And still, the site reinforces normative standards of the masculine when it sets the effeminate man into a lower and submissive level. This happens because the heteronormativity leads the affection and the sex, regardless the sexual orientation. It stands as if the norm were an umbrella under which we were all sheltered. It is something larger and shaper, as a vertical rule, therefore, we will question.

Keywords

Hotboys; Masculinity; Media; Performativity.

¹ Professora Doutora do curso de Comunicação Social e do Programa de Pós Graduação em Cultura e Territorialidades na Universidade Federal Fluminense. E-mail: dabrasiliense@gmail.com.

² Mestrando do curso de Pós Graduação Cultura e Territorialidades na Universidade Federal Fluminense. E-mail: toniii.araujo@gmail.com.

“Hotboys, o site mais quente da Net”! Essa é a frase de abertura do site de pornografias que iremos analisar neste trabalho [1]. Lançado há mais de dez anos, Hotboys conseguiu ganhar em 2017 o prêmio ‘Sex Hot’, considerado o Oscar do pornô brasileiro. Este espaço possui uma característica marcante que o destaca no mercado do audiovisual pornográfico: o tamanho do órgão genital de seus modelos. Isso fica bem evidente nos títulos de seus vídeos, como por exemplo, “Eric dotadão metendo novamente” ou “O pedreiro pirocudo”. Percebendo que por todas as páginas do Hotboys o discurso sobre os homens “bem-dotados”, aqueles com maior tamanho do pênis, é enfatizado como a maior virtude dos atores, compreendemos que este veículo é um objeto intrigante no que diz respeito aos estudos sobre a cultura da virilidade [2] masculina, que se apoia na ideia de potência sexual para aclamar e afirmar a existência do homem macho.

Hotboys é um veículo pornô cujo público alvo principal são os homens que mantêm relações homossexuais. Nossa primeira questão é: de que maneira um site com conteúdo gay constrói narrativas imagéticas e textuais a respeito da virilidade masculina? Percebemos que Hotboys está enredado nos ideais de heteronormatividade ao construir representações de sujeitos a partir de descrições que reproduzem o binarismo sobre ser ativo/passivo, na atividade sexual, ou melhor, na concretização do lugar do sujeito como macho ou afeminado. Como aponta Richard Miskolci (2009), a heteronormatividade faz parte da expectativa e obrigações sociais geradas a partir do pressuposto da heterossexualidade como condição natural, como fundamento social, ou como imposição da verdade, se tratando de um discurso, de um saber valorizado, distribuído e incorporado na sociedade (FOUCAULT, 1996). Em cada sessão das páginas linkadas no site, o público pode escolher visualizar performances de homens que se denominam machos bem-dotados, fortes, atléticos ou homens mais delicados e romantizados por uma descrição mais feminina. Em sua sessão ‘Categorias’ são apresentados sublinks como: bundas; cafuçu; dotados; músculo; mega dotados; maduro; peludos; sarados; sexo bruto e outros. Desta forma, Hotboys reproduz estereótipos que foram historicamente construídos sobre o papel do gênero masculino e parece se revelar como dispositivo que regula tanto os corpos como o desejo dos sujeitos nesta perspectiva.

A partir das contribuições de Michel Foucault sobre práticas de produção dos discursos, normas e saberes, especialmente sobre a sexualidade, buscaremos demonstrar como determinadas estratégias enunciativas, utilizadas na produção

das publicações do site Hotboys, contribuem para um processo de afirmação da performance masculina. Para Foucault, um enunciado pertence a uma formação discursiva, como uma frase pertence a um texto. Com essa premissa, o filósofo inaugura uma nova forma de pensar os objetos da história, como os discursos, pela interpretação destes como estratégia de construir um mapeamento sobre a história partindo assim não apenas do olhar para o enunciado em si, mas de uma análise que começa com a observação das práticas sociais que contribuem para a formação deste como discurso (FOUCAULT, 1969). Pensaremos sobre os discursos, então, como um processo, e não como algo apenas dado pelo real, pois sabemos que existem narrativas sobre crenças históricas que reforçam o valor da honra masculina, no caso do nosso objeto, que giram em torno da importância de salvaguardar um modelo de heterossexualidade, cuja representação está na potência desses sujeitos, e, portanto, na sua condição de homem viril.

A valorização histórica desse tipo de masculinidade compromete o lugar do gênero feminino e de outros gêneros, colocando-os acudados pelo entendimento de que fazem parte de uma categoria contrária à ideia do viril, sendo estes passivos, ou seja, dominados pelos mais fortes. É importante compreender como este ideal de virilidade vai afetar não apenas os espaços demarcados pelas relações de gênero binários heterossexuais, masculino e femininos, mas outros, como no caso das representações do site Hotboys, no qual são exibidos vídeos de sexo entre homens. Por que é importante reforçar o lugar da masculinidade e da virilidade, separados de outros corpos ditos menos viris, em um espaço para o público gay? Este não deveria ser um lugar de desconstrução desta virilidade masculina, que propõe o reforço de uma cultura machista, que tende a ser crítica e se opor ao mundo da homossexualidade? O que uma mídia como Hotboys, mediadora da representação dos corpos e dos desejos sexuais homoafetivos, ganha com a exposição de ideologias consideradas atualmente machistas?

A partir destas questões, colocaremos em evidência a dinâmica narrativa do Hotboys, pela qual determinados valores constitutivos da cultura machista, forjados na antiguidade, como herança discursiva, são atualizados pelas narrativas midiáticas contemporâneas. De acordo com o conceito de performatividade apresentado pela filósofa Judith Butler (2003), entendemos que gênero é uma construção discursiva. Os discursos que aparecem no site Hotboys, sobre a masculinidade, não são compostos meramente de colocações descontextualizadas, mas sim de discursos performativos que ao serem ditos fazem a manutenção de determinados sentidos, ou seja, contribuem ativamente para o processo de afirmação das identidades de gênero. Para Butler (2003),

o gênero é uma contínua estilização do corpo que se processa em uma repetição de atos que com o tempo acaba se cristalizando até que se pareça natural. Essa é a nossa questão com as propostas dos vídeos do Hotboys; a naturalização das representações masculinas machistas na exibição de seus vídeos pornográficos. O processo histórico dos corpos másculos, fortes, grandes, bem dotados ou viris, em que o discurso do gênero masculino é gerado em contrapartida aos corpos ditos frágeis, se naturaliza pela repetição e valorização dessas performances.

A internet se configura como um importante espaço de construção de representações de sujeitos, corpos e sexualidade e compreende a importância e o impacto que a pornografia tem nos dias atuais na vida dos indivíduos. Não iremos analisar aqui as questões diretamente ligadas a pornografia masculina, embora compreendemos que este é um lugar de privilégio de tal público na nossa cultura, exatamente por conta das concepções morais sobre a submissão e castração sexual feminina. Devido à amplitude da temática, deixaremos esta problemática para um outro trabalho. Aqui, buscamos compreender quais valores desta cultura viril são exaltados, ou descartados, e de que maneira se dá esta ideia de normatividade. Todavia compreendemos, como nos mostra Dominique Maingueneau (2010), a pornografia como um discurso que se organiza no seio da cultura dominante, mas que se mantém moralmente marginalizado nas práticas sociais. Como define o autor, a pornografia “se situa como um discurso de verdade que se recusa hipocritamente a ‘tapar o sol com a peneira’”, que pretende não esconder nada. (MAINGUENEAU, 2010, p. 32). Neste trabalho, a partir da perspectiva da pornografia como discurso, buscamos compreender quais valores da cultura viril se fazem presentes nas narrativas pornográficas do site Hotboys, quais valores são exaltados, ou descartados, e de que maneira se dá esta ideia de normatividade.

Na construção da masculinidade o corpo tem lugar importante na busca pela diferenciação entre o masculino e o feminino, sendo representada num corte de cabelo, jeito de andar, na definição da musculatura ou no uso de pelos corporais e faciais, por exemplo. Essas normas fazem com que os indivíduos masculinos que se aproximam mais de características femininas sofram restrições sociais (BOURDIEU, 2012) ou sejam considerados desviantes como nos diz Butler (2000). O trabalho de reforço da virilidade cria questões sobre a honra e a força masculina, a partir da ideia de hierarquização, não apenas sobre o gênero feminino, mas sobre os homens afeminados. É nessa mesma ideia de representação da força e importância do corpo masculino que se manifestam os valores idealizados daquilo que se espera por ser homem, colocando em evidência o mecanismo regulador em que os indivíduos tentam

se adequar para não serem rejeitados.

É importante reforçar a ideia de que estes corpos performáticos no site Hotboys só podem ganhar este sentido viril quando relacionados à cultura e ao social e, portanto, ao público que o observa. Fora da exibição divulgada pelo site, os corpos desses modelos poderiam ter outros sentidos. Esses corpos só têm essas significações viris quando se propõem a reproduzir uma relação discursiva com outros corpos. Numa perspectiva foucaultiana, Judith Butler (2003) diz que os sujeitos são constituídos por uma relação com o contexto histórico e cultural ao qual fazem parte. É impossível pensar a existência dos sujeitos sem que se pense no seu lugar, nas condições morais ou sobre as verdades que constituíram suas identidades. “Não há criação de si fora de um modo de subjetivação” (BUTLER, 2003). Ou seja, o discurso que possibilita o reconhecimento dos sujeitos como pessoas do gênero masculino é construídos a partir de um regime de verdades pré-estabelecidas pela própria cultura e se materializa pelo olhar e concordância do outro que o observa e dialoga com ele.

Partindo dessas reflexões, escolhemos dois perfis de modelos do site Hotboys para analisar, um que se denomina ativo e o outro, passivo. O modelo ativo é chamado de Erick Dotadão, que tem um total de 447,4 mil visualizações. Já o modelo passivo é o Andy Star, seu perfil conta com 156,2 mil visualizações no site. É interessante dizer que, dentre os dez atores mais acessados no site, apenas três assumem a posição de passivo; todos os outros são exclusivamente ativos. Repara-se também que, assim como Erick, os atores ativos se utilizam de apelidos que ressaltam o tamanho de sua genitália: Dotadão, Mastro, Master e Pirocão. Ou também apresentam o modelo com seu nome no aumentativo, como Paulão, por exemplo. Faremos uma discussão teórica sobre as noções de passividade e atividade dos sujeitos, especialmente nas relações sexuais, e também sobre uma sessão especial do site, muito provocativa, na parte de Séries, chamada ‘Estupro Hot’, sobre a qual iremos discutir as condições de atividade sexual ligada também à questão de um imaginário sobre a submissão de outros gêneros não masculinizados.

Sobre bem dotados e passivos

Michael Foucault (2009), ao problematizar a conduta sexual na Grécia antiga em *A história da sexualidade I*, discorre sobre um alicerce central na história da construção social que afeta as identidades tanto masculinas quanto as femininas até os dias atuais: a divisão binária entre “ativo” e “passivo”.

O princípio de isomorfismo entre relação sexual e relação social. Deve-se entender por esse princípio que a relação sexual – sempre pensada a partir do ato modelo da penetração e de uma polaridade que opõe atividade e passividade – é percebida como do mesmo tipo de relação entre superior e inferior, aquele que domina e aquele que é dominado, o que submete e o que é submetido, o que vence e o que é vencido. As práticas de prazer são refletidas através das mesmas categorias que o campo das rivalidades e hierarquias sociais: analogias na estrutura agonística nas oposições e diferenciações, nos valores atribuídos aos respectivos papéis dos parceiros. E pode-se compreender, a partir daí, que há, no comportamento sexual, um papel que é intrinsecamente honroso e que é valorizado de pleno direito: é o que consiste em ser ativo, em dominar, em penetrar e em exercer, assim, a sua superioridade (FOUCAULT, 2009b, p.269).

O que Foucault (2009b) nos traz ao expor o princípio de isomorfismo entre relação sexual e relação social, é que esta divisão moldada a partir do ato da penetração, entre ativo (sujeito de prazer) e passivo (objeto de prazer) norteava as relações nas demais esferas da vida social. Estas duas categorias seriam entendidas naquele contexto como categorias a priori, ou seja, inerentes a uma natureza humana. O ato de penetrar está diretamente ligado à noção de dominação do outro, ao considerar o pênis, o falo, uma potência no sentido da sua rigidez, do seu apontamento ou direcionamento do que irá se movimentar em favor da penetração no objeto de prazer. Esta ação e divisão entre o que penetra ou aquilo que será penetrado estabelece que os homens, a exemplo da prática sexual, são naturalmente portadores da atividade (relacionada à dominação) e por isso têm a prerrogativa do domínio de funções sociais as quais as mulheres seriam incapazes de exercer pela sua característica de passividade (atribuída à sujeição).

“Quando, no jogo das relações de prazer, desempenha-se o papel de dominado, não se poderia ocupar de maneira válida, o lugar do dominante no jogo da atividade cívica e política” (FOUCAULT, 2009b, p.274). Essa divisão entre ativo e passivo, base do conceito que organizava a divisão de gênero na Grécia antiga, ainda hoje continua fomentando as desigualdades de gênero mesmo em uma realidade histórica e social completamente distinta. A questão da dominação é um forte marco. Mas como essa condição pode ser pensada quando se trata de uma relação entre dois homens, representantes desse espaço dominante?

Apesar de a categoria “gay homossexual” ser taxativa em seu sentido, da qual significa que homens tem atração física e afetiva por outros homens, esse possível desejo também é realizado a partir de representações discursivas que perpetuam a nossa cultura e que, portanto, cabem no mesmo esquema de divisão entre o ativo, o que domina, e o passivo, que se submete à dominação. Seria o que Butler (2003) chama de uma “heteronormatividade compulsória” ou um novo binarismo de gênero que vai criar novos desviantes pelo mesmo ideal.

Muito mais do que o apreço de que a heterossexualidade é compulsória, a heteronormatividade é um conjunto de prescrições que fundamenta processos sociais de regulação e controle, até mesmo aqueles que não se relacionam com pessoas do sexo oposto. Assim, ela não se refere apenas aos sujeitos legítimos e normalizados, mas é uma denominação contemporânea para o dispositivo histórico da sexualidade que evidencia seu objetivo: formar todos para serem heterossexuais ou organizarem suas vidas a partir do modelo supostamente coerente, superior e “natural” da heterossexualidade. (MISKOLCI, 2009, p. 156-157).

Não necessariamente a realização desta atividade pode ser reconhecida entre casais heterossexuais, embora seja o esquema mais tradicional, é possível, logicamente, ser ativo ou passivo independente do gênero. Mas, sendo o desejo constituinte do inconsciente dos sujeitos, e, portanto, com tendências a manifestações aleatórias, ao ser transferido para a consciência e executado em ação, ganha uma herança de hábitos, normas e padrões, nos quais se encaixa.

No caso do Hotboys essa questão passa a ser intrigante, pois se trata de um lugar que poderia provocar sentidos mais libertários por se tratar de um site pornográfico, que, de modo geral, pelos costumes e tabus sobre o sexo, é explorado pelo seu público, provavelmente, de uma forma privada, onde as regras de um ideal de ordem social não seriam necessárias, tratando-se da intimidade e de um ato que, deste modo, não estaria sob julgamento direto do olhar de outros, ou seja, principalmente das acusações morais. Mas, ao contrário, Hotboys reproduz o padrão dominante e dominado e exhibe o lugar do penetrador como seu maior potencial de venda.

Em *A Ordem do Discurso*, Foucault (1996) fala sobre a herança dos discursos de imposição de verdade e uma das categorias que ele cria para pensá-los é a vontade de verdade, que se caracteriza pelo empenho social de manter, reforçar e tornar profundo e incontestável determinados valores. É uma camada discursiva mascarada pela própria categoria de verdade, que, sob esta condição, nos impede de percebê-la, criticá-la e repensar os seus preceitos (FOUCAULT, 1996, p. 19). É por este viés que podemos perceber as narrativas padronizadas pelo site quando valoriza o papel do sujeito ativo como discurso de verdade na relação que se faz entre desejo e poder. O texto de apresentação do modelo Erick Dotadão, por exemplo, começa com a frase: “Sabe aquele boy que te dá um tesão só de olhar? Erick é um desses”. O dotado dominante, o sujeito do prazer, é aquele que não demanda muito esforço para sentir desejo, basta olhar, e, no caso, para seu corpo, seu grande falo penetrador, para que se entregue a ele. É esta a mensagem mais explícita deste texto, a vontade de verdade discursiva a respeito da existência do macho que diz: “Esse seu jeitão um pouco desajeitado, fica logo de lado quando ele entra em ação. Codinome dotadão, seu instrumento é de dar

inveja, uma pedra bruta que o Hotboys trouxe exclusivamente para vocês lapidarem seus maiores desejos sexuais. E você aguenta o dotadão?” [3].

O método de análise que seguimos é este de compreender de forma mais ampla como são traçadas as permanências estruturantes do discurso sobre esta verdade construída a respeito dessas masculinidades, sendo elas ativas ou passivas. Pois citando ainda Foucault (1996, p.20) como filósofo norteador dessas análises “só aparece aos nossos olhos uma verdade que seria riqueza, fecundidade, força doce e universal”, a vontade de verdade, “como prodigiosa maquinaria” que controla e delimita os discursos, produz e cristaliza no senso comum as formas de narrar, com a criação de estereótipos, que consagram valores conservadores mesmo em espaços com propósitos libertários sobre o desejo, como acontece no caso de Hotboys. E é o que vamos perceber daqui para frente, como essas narrativas sobre os homens, os personagens/modelos do site são construídos, relacionando-as também com outras teorias que nos ajudam a pensar nestes discursos que fecundam uma verdade não apenas no nosso objeto, mas que representam, de modo geral, o lugar do masculino na nossa cultura.

Neste sentido, a construção do modelo Erick Dotadão se aproxima do conceito de personagem pornográfico de Dominique Maingueneau (2010, p. 62), pois, para o autor, a apresentação desses atores na narrativa pornográfica deve obedecer uma regra: “para além da diversidade dos tempos, dos lugares, das experiências individuais, das pertinências sociais, eles são apreendidos exclusivamente como seres desejantes”. Para Maingueneau (2010), tais personagens são focados na excitação sexual, as características que interessam sobre eles são aquelas utilizadas em cena, sua motivação é a prática do prazer.

Traço revelador: os personagens dos relatos pornográficos raramente dispõe de um nome completo (nome e sobrenome), que os inscreveria com precisão no espaço social. Geralmente eles se contentam com um prenome [...], com um nome fantasia sexualmente motivado (João Pauzão), com um apelido (Lu), até mesmo com um pronome (ele). (MAINGUENEAU, 2010, p. 63).

No que tange as imagens do modelo Erick Dotadão, como contribuição desta perspectiva discursiva sobre o macho sedutor, além de seu enorme pênis, é possível observar uma predominância da exposição do tórax, pelo qual faz parte a erotização do corpo forte e viril, assim como a exploração das imagens do dorso, bíceps e abdômen definido. Ainda é possível ver Erick sem camisa, no cenário de campo de futebol, com short de jogador, o que reforçaria mais o seu lugar de “macho”, sendo este um esporte valorizado tradicionalmente pelo público masculino. O site traz também

uma tabela com dados sobre Erick, como nascimento, idade 22 anos, signo Sagitário, altura 1,75, peso 74kg, etnia Moreno e a medida em centímetros do pênis, descrito como “dote”, 24 cm. Apesar de Erick ser exibido de cueca nas fotos desta página de descrições, ou short, o pênis do modelo aparece marcado na roupa ou ele o segura por cima mostrando o seu tamanho. A potência muscular associada à funcionalidade genital constitui o ápice da virilidade no corpo do macho, a definição muscular pode ser enxergada como uma representação da sua potência, como falamos anteriormente (SARTRE, 2012).

Ainda nesta página do modelo, é possível visualizar uma galeria de vídeos em que ele fez participação. O primeiro da galeria, denominado “Erick Dotadão” [4], é um vídeo solo em cuja imagem vê-se um recorte que privilegia o pênis ereto em primeiro plano. Ele se alisa, faz xixi e toca seu órgão sexual, valorizando-o. No segundo vídeo, denominado “Erick Dotadão e Bruno Scott” [5], o modelo passivo, Bruno, em primeiro plano, é explicitamente penetrado pelo ativo, Erick. O passivo possui uma expressão de prazer, enquanto o rosto do ativo está desfocado; apenas seu pênis está em foco, ressaltando sua posição dominante e sua funcionalidade como penetrador. Como apontado por Bourdieu (2012), a identidade masculina reconhecida pela virilidade é evidenciada por demonstrações de potência sexual, atravessando as fantasias coletivas de penetração que defloram ou fecundam.

Exaltar a virilidade do modelo, seja através da descrição, seja pela exibição da sua imagem é um esforço no sentido de afastar qualquer traço de feminilidade. Ainda que o site não fale sobre a orientação sexual de Erick, todas as narrativas o aproximam mais de um ideal de masculinidade normativa heterossexual. Ao lado da aba de descrições dos modelos do Hotboys existe uma outra, chamada ‘Curiosidades’, que traz uma série de perguntas pessoais feitas pelo site, como: filme favorito, comida, hobbies e outras mais específicas. “O que mais me excita é”: “dar aquela socada até o talo”; “Minha maior qualidade é”: “meu pau”, responde Erick. “O que vale entre quatro paredes?”, ele responde: “tudo o que eu mandar”. E ainda ao ser questionado sobre “uma fantasia sexual”: “escravos sexuais, eu mando eles obedecem”. A sua citação favorita é: “Meus pais me ensinaram a ter medo só de Deus, o resto a gente bate de frente”, frase sem assinatura. Vê-se, então, que Erick é um macho destemido, um homem pronto para dominar o mundo com sua virilidade e potência sexual. Desta forma, se fecunda sob a potente vontade de verdade, de que fala Foucault (1996), a ideia da existência desse tipo de masculinidade, como autêntica, verdadeira, incontestável.

Bourdieu (2012) afirma que podemos enxergar a expressão pura do masculino e da dominação masculina nas manifestações de exploração do corpo do outro como

meio de afirmação da virilidade. Longe de considerar que as afirmações de Erick em Hotboys são inocentes, elas contribuem para uma hierarquização entre ativo e passivo. Tais características se entrelaçam com as heranças discursivas que marcaram também as descritas sobre o varão masculino na Grécia antiga (SARTRE, Maurice, 2012), cujos sinais que compõe a virilidade masculina estão na ideia original de o homem ser senhor dos seus prazeres, mesmo em relação a outra pessoa do mesmo sexo. Dá-se, assim, importância à capacidade de ser o detentor do corpo do outro ao assumir a posição de macho dominante.

Já nas descrições do Hotboys, sobre Andy Star, percebemos que, embora seja um site pornográfico, nenhum atributo sexual sobre o modelo é citado. Ao invés disso, coloca-se em evidência o seu carisma e sorriso. Observamos, então, um esforço em construir uma descrição suave e próxima do feminino. Andy é exibido como modelo apaixonante e carismático. É neste caminho que o site legitima o papel dele enquanto passivo. Ao afirmar o modelo como “gato” e com “um corpo de dar inveja” percebemos também que ele se enquadra dentro de um padrão de beleza imposto pela sociedade, com expressões finas, corpo definido, mas magro, cabelos lisos e pele branca, como exemplo de beleza. Não há nenhum destaque para a virilidade masculina de Andy, nem mesmo a imagem do seu pênis ou algo que ele faça que chame atenção para seu órgão sexual, ao contrário do potente Erick.

O próprio nome já diz: Andy é uma das maiores estrelas do Hotboys e nem precisa de muito tempo para descobrir o motivo. Revelado aqui no nosso site, o modelo dá um show de performance em suas cenas, que sempre estão entre as mais acessadas (e entre as mais quentes também). Você vai se apaixonar pelo carisma desse gato. Com um corpo de dar inveja e um sorriso encantador, Andy vai te conquistar e te fazer entender o porquê ele é nosso Star! < <https://www.hotboys.com.br/mode-lo/164/andy-star>> acesso em: 1 abr. 2019. [6]

Florence Tamagne (2012) fala em seu texto sobre como o homossexual é visto como um indivíduo que falhou na sua virilidade, quando se trata do imaginário sobre um sujeito que não é másculo o suficiente ou forte para sustentar os atributos desta virilidade. Essa “falha” o estigmatiza e o coloca obrigatoriamente na posição passiva, pois o homem que é penetrado estaria perdendo a sua masculinidade. Neste caso, se tratando de sexo entre dois homens, o problema não está na relação homossexual em si, e sim na hierarquia que categoriza e estereotipa, como vontade de verdade as relações de gênero, de modo geral, em duas: o homem “de verdade”, portanto o ativo que possui características viris, e o que chamamos no Brasil de “bicha”, o passivo afeminado, considerado não apenas como submisso à dominação, mas como aquele que está à margem da sociedade, por ser considerado uma falha, um desvio. Pois, ser

homem em nossa cultura é se afastar do que é feminino, é não ser nem sensível, delicado ou submisso e muito menos ter desejos homossexuais. “A exaltação dos valores masculinos tem sua contrapartida tenebrosa nos medos e nas angústias que a feminilidade suscita” (BOURDIEU, 2012, p. 64).

Na imagem do perfil de Andy no site, ele aparece de braços, meio de lado, de modo a evidenciar sua posição passiva. Seu pênis é exibido discretamente e não está ereto. Segundo os dados do site, Andy Star possui um pênis de 16 cm, o que o tira da categoria de dotado. Em outra imagem Andy está de joelhos, de costas, e na sua frente encontra-se quatro outros modelos, cujos rostos não aparecem. A posição de Andy o destaca como quem vai servir os outros, numa posição inferior de submissão. Na imagem seguinte ele aparece fazendo sexo oral em outros dois homens, e novamente está de joelhos. Apesar de estar de frente, esconde seu pênis com a mão, o que marca o esforço em destituir o falo do modelo passivo, enquanto os pênis dos ativos são evidenciados em primeiro plano. Considerando a excitação enquanto imperativo de prazer, a ausência de ereção de Andy nestas fotos poderia estar ligada a uma ideia de ausência de prazer no ato de ser penetrado ou submetido aos homens ativos. Nesse caso, retomando Foucault (2009b) em seu livro *História da Sexualidade II*, percebe-se que o passivo, ao ser reduzido ao objeto, se torna aquele que dá prazer, portanto o prazer do passivo parece ser negado em prol do prazer do sujeito que ocupa o lugar de dominador. Nas thumbnails do site, Andy aparece frequentemente de costas, ou na posição de quatro, onde sua bunda fica em evidência, e, desta forma, o ativo está sempre em evidência. Na maior parte das exposições do passivo, ele é penetrado de forma anal, ou oral, ou até por uma mão inteira.

Em diversos vídeos as expressões do modelo passivo sugerem dor, em contrapartida ao prazer do ativo, que, como já sabemos, não está apenas no ato sexual em si, mas se dá também na ação de dominação do outro, ou melhor, na imposição do seu prazer ao custo da dor do outro. Essas expressões narrativas mostram como o modelo é posicionado em uma situação inferior na hierarquia viril. Dessa forma, observa-se que a construção da representação do passivo se dá não apenas na penetração, mas inclui ainda um tipo de violência ao qual ele se submete.

O perfil de Andy Star, em oposição à construção do perfil de Erick Dotadão, coloca em evidência a afirmação de Tamagne (2012) de que, quando de costas, podemos nos tornar todos mulheres, no sentido dado pelo senso comum sobre a ideia tradicional de verdade a respeito da passividade ou fragilidade. O ânus é o canal sexual de maior tabu quanto à ideia de feminilidade masculina, pois é o único orifício do homem possível de ser penetrado. É nele que se nega a virilidade masculina, é por ele

que se deixa de ter apenas uma atividade sexual projetada pelo falo. “Dar o cu”, como se diz popularmente, significa negar sua única forma de potência sexual, aquela que merece de fato ser protagonizada por um pênis ereto e potente, culturalmente criado como maior representante da honra de um homem, seja ele antepassado ou contemporâneo, hetero ou homossexual. Por que não coube ao ânus esse estado de potência já que todos o temos? Provavelmente pela sua condição funcional de excreção das fezes, mas mais do que isso, já que também é um possível lugar de prazer, trata-se de um elemento negado pela ideia da fragilidade daquele que é penetrado, sendo caracterizado como objeto.

Ainda sobre dor, submissão e fragilidade como signos da construção de uma verdade sobre os gêneros, Hotboys tem uma sessão chamada ‘Estupro Hot’, que força os limites éticos sociais em favor da vontade discursiva uma verdade sobre a potência da masculinidade, visto que se trata de um crime. A capa de apresentação desta página tem uma edição de imagens de homens sendo penetrados por outros encapuzados e no centro um homem negro, sem camisa, com cordão de prata no pescoço, com rosto tapado com uma touca, protagoniza a imagem do sequestrador que olha com cara de mau, diretamente para quem acessa esta página. O texto do site tenta explicar a temática da série:

Estupro, esta palavra remete a algo forçado, um abuso, uma violação. O Hotboys criou essa série, e recriamos essas situações, onde nossos atores hot são violados por dotados em cenas de sexo forte e agressivos, que causam muito tesão. Uma das 10 fantasias mais desejadas do mundo, o Estupro Hot vem alimentar esse desejo onde o real e o fictício estão juntos, e te levam a pensamentos selvagens que nos deixa uma sensação de puro êxtase e prazer. Estupramos sua imagem para garantir as melhores formas de satisfazer você <<https://www.hotboys.com.br/serie-cena/16/estupro-hot>. > acessado em: 1 abr. 2019. [7].

Esta série é composta por 5 vídeos com atuação total de 6 modelos, três ativos e três passivos. O primeiro vídeo “Estupro Hot 5: Clayton e Maurício” mostra dois homens numa encosta de pedras na praia em que um deles, se sentindo muito observado pelo outro ao se aproximar para urinar, indaga com agressividade: “vai ficar me olhando? Qual foi?”. Com xingamentos, acua o rapaz em um canto, o advertindo sobre “ficar mexendo com sujeito homem” e dá um tapa na cara dele, o joga contra a pedra virando-o de costas, e rasga a sua roupa. O rapaz que apanha é o atuante passivo, que pede para o macho agressivo Clayton colocar camisinha. Clayton o adverte brutalmente, novamente com palavras chulas, dizendo que não vai colocar camisinha: “isso daqui é um estupro, não quero saber de camisinha não, viado!”. A vítima do estupro pede socorro, o estuprador goza e o vídeo acaba pedindo ao telespectador para fazer

a sua assinatura. Nas descrições do Hotboys, Clayton é o macho ideal, mesmo sendo ele atuante como estuprador. Com 19 anos e um dote de 19 cm, o site diz que ele é “safado e sagaz, come um cuzinho com vontade e força, além de uma piroca bem gostosa, que ele usa com maestria” [8]. O filme preferido de Clayton é Velozes e Furiosos, e sua fantasia sexual são “os passivos submissos”.

A relativização que o site faz sobre o estupro, ao ponto de publicar vídeos do tipo, deixa claro que eles não têm o menor incômodo com a temática. O que poderia estar ligado apenas a uma falta de pudor que poderia ser contraditória com a agenda pornográfica. No caso do estupro, isso significa talvez uma falta de ética, pois as representações discursivas do Hotboys são claramente machistas, sem compromisso algum no trato que se pode dar ao homem homossexual passivo. Por pensá-lo de forma objetificada pelo lugar do feminino, como já falamos, ou como quem não merece respeito, ao contrário, assim como os estupradores veem de modo geral a mulher, como pessoas que podem ser violadas por conta da imagem submissa que, de modo geral, elas representam pelo senso comum. Aqui fica explícita ainda mais a proximidade dos sujeitos ditos passivos com a feminilidade, em contrapartida à defesa e estrelato do macho bem dotado com a coragem e tentativa de normalizar e valorizar o estupro, um grave ato de violência que mata milhares de mulheres, gays e outros gêneros marginalizados pelo ideal heteronormativo da nossa sociedade.

Conclusão

Judith Butler afirma, em seu texto *Corpos que pensam: sobre os limites discursivos do sexo* (2000), que o sexo é um ideal regulatório que através do tempo tem sua materialização imposta por práticas reguladoras da sociedade. A questão de Butler (2000) é compreender como as performances de gênero lidam com essa materialização, pois, segundo ela, essa performatividade deve ser compreendida como uma “prática reiterativa e situacional, pela qual, o discurso produz o efeito que ele nomeia”. É neste sentido que podemos dizer que a atribuição da passividade à identidade masculina continua a ser colocada sob uma pretensão de submissão que gera violência e a banalidade dela, quando se constrói discursos livres sobre estupro, por exemplo.

A fixidez do corpo representada pelas imagens em Hotboys, o posicionamento dos seus corpos no que provoca desejo de consumi-los sexualmente, é de cunho material, como diz Butler (2000), e, acrescentamos, suscita violência. O imperativo heterossexual é responsável, como efeito de poder, pelas agressões e práticas de homofobia e preconceito. A materialidade performativa desses corpos não pode ser pensada

fora da ideia de norma reguladora do ato sexual, pois é ela que causa esses efeitos. O sexo não é uma “descrição estática” que identifica o sujeito, mas uma norma, pela qual esses sujeitos são qualificados a partir dos seus corpos e pela condição cultural que o toma, que “governa sua materialização” (BUTLER, 2000, Pg.111). A matriz do imperativo heterossexual do dominante, homem viril, ou dotado de masculinidade, exclui a possibilidade de potência de outras identidades de gênero, especialmente sob a condição passiva. À margem, tudo que é relativo ao dominado é representado sem autonomia de desejo, como vítima de violência. O prazer é direcionado apenas ao dominante que goza do seu privilégio de ter o status poderoso de sujeito macho. Tanto o passivo como o ativo podem ser percebidos de forma objetificada por uma exacerbção do imperativo heterossexual.

A heterossexualidade é reconhecida como uma condição que deve ser constantemente seguida pelo ideal de ordem social e de verdade universal (FOUCAULT, 1996, p. 20), mesmo não sendo um dado ou determinação natural (biológica), mas sim uma produção performática discursiva e sente-se a necessidade de alcançá-la plenamente, ainda que seja necessário até explicitar atos de violência num site gay como no caso do Hotboys. Sabemos que para reforçar o modelo heterossexual, socialmente aceito, é preciso que a homossexualidade seja concebida como objeto ininteligível. Neste caso, repudia-se assim, veementemente a homossexualidade, de modo a construir representações que normatizam os corpos entre ativos e passivos. É por esta condição que a mídia Hotboys, mediadora da sexualidade e narradora do sexo entre homossexuais, regula a identidade de gênero e contribui para o reforço de padrões e também provoca a brutal afirmação da atividade masculina em seu extremo machismo, deixando à margem outros posicionamentos de gênero. É a aversão à homossexualidade, e suas proximidades com um tipo de fragilidade, passividade ou falta de virilidade, que vão permitir o embate pela constituição de identidades de gênero mais livres de questionamentos e ambiguidades através da luta política sobre o que domina (BUTLER, 2000).

O que Hotboys ganha com a afirmação dessas performances masculinas machistas? Talvez exista uma falta de percepção a respeito deste lugar pelo próprio site, pois os sentidos cristalizados ditos como vontade de verdade e não repensados como tal sobre as identidades de gênero e suas atuações performáticas sexuais no formato binário são tão materializados pelos discursos do senso comum que passam a ser naturalizadas. Até mesmo sob a ideia de criar uma sessão de estupro explícita entre homens, já que se trata de um espaço voltado para o público masculino, o que não seria para eles problemático, mas sabemos que é a própria materialização do machismo

que poderia causar essa possível cegueira, se quisermos evitar pensar na sua falta de postura com a grave temática. Ao mesmo tempo, é a sedução a grande chave para que um espaço como Hotboys dê certo. Neste caso, seu investimento é seduzir o público através da ideia de força e potência a ser conquistada. A partir do momento que o site se abre para a interação audiovisual entre homens dotados e passivos, é como se o Hotboys criasse uma fantasia em que seus navegadores/espectadores pudessem conquistar esta potência e gozar com ela, inclusive pelo caminho da mais trágica violência.

É importante deixar claro também que o problema não está na existência da separação entre o ativo e passivo. A questão é: como eles são representados, como esses significantes de verdade são reafirmados. Especialmente o passivo que se encontra simbolizado por uma possível ideia de fragilidade. É ele que gosta dos filmes mais românticos, ao contrário do ativo que segundo as perguntas do site gosta de filmes de ação, mais duros, agressivos. A repetição de um tradicional modelo de binaridade, embora seja mais representativa no campo da heterossexualidade, deveria ser repensada nas práticas de representação das relações homossexuais. Os personagens gays do site Hotboys repetem padrões que são inerentes da nossa cultura. Mas por motivos de luta simbólica, especialmente contra o machismo, contra o lugar de autoridade de uma herança patriarcal conservadora, que marcam a submissão dos gêneros, deveriam repensar esses papéis. Não podemos dizer aqui, quantitativamente, como se dividem as relações homossexuais no cotidiano, entre passivos e ativos, mas sabemos que, para além do desejo de penetrar ou de ser penetrado, essas práticas são fortes marcas culturais de dominação e podem ser vistas de uma outra perspectiva, ou serem narradas sem a reprodução material de discursos estereotipados, enquadrados em sentidos que perpetuam esse conservadorismo. É a temível materialização do discurso de que fala Michel Foucault (1996), que em nossa sociedade se traduz como procedimento de exclusão. Mas, ao mesmo tempo, é preciso também pensar no que este filósofo (1996) nos diz sobre o discurso não ser simplesmente aquilo que traduz as lutas e os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar.

Notas

[1] As análises do site para produção deste artigo foram feitas entre novembro de 2018 e março de 2019.

[2] O termo romano “virilitas” significa aquilo que se apresenta entre as virilhas, o órgão sexual. É a origem do termo “virilidade” na língua portuguesa (THUILLIER, 2012).

[3] Disponível em: < <https://www.hotboys.com.br/modelo/86/erick-dotadao.>> acesso em: 1 abr. 2019.

[4] Disponível em: < <https://www.hotboys.com.br/modelo/86/erick-dotadao.> .> acesso em: 1 abr. 2019.

[5] Disponível em: <<https://www.hotboys.com.br/cena/286/erick-dotadao--bruno-scott.> .> acesso em: 1 abr. 2019.

[6] Disponível em: <<https://www.hotboys.com.br/modelo/164/andy-star.> .> acesso em: 1 abr. 2019.

[7] Disponível em: <<https://www.hotboys.com.br/serie-cena/16/estupro-hot.> .> acesso em: 1 abr. 2019.

[8] Disponível em: <<https://www.hotboys.com.br/modelo/12/clayton.> .> acesso em: 1 abr. 2019.

Referências

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 11.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BUTLER, Judith. **Corpos que pesam**: sobre os limites discursivos do 'sexo'. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

_____. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2003.

CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **História da virilidade Vol. 1**: A Invenção da Virilidade: Da Antiguidade às Luzes. Petrópolis: Vozes, 2013.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

_____. **L'arquéologie du savoir**. Paris: Éditions Gallimard, 1969.

_____. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Trad. de Maria Thereza Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 19. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2009a.

_____. **História da sexualidade II**: o uso dos prazeres. Trad. de Maria Thereza da Costa Albuquerque. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2009b.

MAINGUENEAU, Dominique. **O discurso pornográfico**. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**, v. 11, n. 21, p. 150-182, 2009. Disponível em: < https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-45222009000100008&script=sci_abstract&tlng=pt > acesso em: 6 de novembro 2020.

SARTRE, Maurice. Virilidades gregas. In: VIGARELLO, Georges. (dir.). **História da virilidade**. Vol. 1. A invenção da virilidade. Da Antiguidade às Luzes. Petrópolis: Vozes, 2012, P. 43.

TAMAGNE, Florence. Mutações homossexuais. In: COURTINE, Jean-Jacques. (dir.) **História da virilidade Vol. 3**: A virilidade em crise? Séculos XX e XXI. Petrópolis: Vozes, 2012.

THULLIER, Jean-Paul. Virilidades romanas: vir, virilitas, virtus. In: VIGARELLO, Georges. (dir.) **História da virilidade Vol. 1: A Invenção da Virilidade: Da Antiguidade às Luzes**. Petrópolis: Vozes, 2012.